



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
ESCOLA DE DANÇA
PPGDANÇA
ESPECIALIZAÇÃO EM “ESTUDOS CONTEMPORÂNEOS EM DANÇA”

**A Dança no Espírito Santo: criação de redes como possível
estratégia de visibilidade**

Ivna Vieira Messina

**Salvador
Novembro de 2018**

Ivna Vieira Messina

**A Dança no Espírito Santo: criação de redes como possível
estratégia de visibilidade**

Artigo apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Dança, da Escola de Dança, da Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Estudos Contemporâneos em Dança, sob a orientação da Profa. Dra. Gilsamara Moura.

**Salvador
Novembro de 2018**

A Dança no Espírito Santo: criação de redes como possível estratégia de visibilidade

Ivna Vieira Messina ¹

Resumo: O presente artigo apresenta uma reflexão sobre o contexto da dança no Estado do Espírito Santo a partir da análise dos dados levantados pelo portal *on-line* Dança no ES, assim como pelas ações formativas promovidas pelo mesmo. O portal existe desde 2015 e mapeia, registra e difunde a produção em dança e áreas afins no estado, além de promover entrevistas, rodas de conversa, grupos de estudos e outras ações formativas, pretendendo ser um agente fomentador de memória e facilitador da criação de redes entre os agentes da dança do Estado com o intuito de ampliar a visibilidade e valorização da dança local.

Palavras-chave: Dança. Política. Mapeamento. Memória. Espírito Santo.

A Dança no Espírito Santo

Resistência é uma palavra que os artistas da dança do Brasil conhecem bem, principalmente em suas práticas. A dança brasileira cresce e se desenvolve a partir de muita luta de seus agentes sejam artistas, gestores ou educadores. A invisibilidade é enorme e os espaços são escassos. Num país tão grande e diverso, existem poucos locais para produzir e apreciar, estudar e difundir, esparsas verbas públicas direcionadas para tal e até espaços reduzidos nas mídias impressas e digitais para divulgação. Raras exceções acontecem nesse cenário, talvez em algumas capitais do país com histórico de desenvolvimento cultural e investimento na área; mesmo assim, pode-se contar nos dedos aquelas iniciativas que conseguem se desenvolver plenamente e que se mantêm no tempo. Alguns agentes e ações tornam-se referência por sua persistência, modos de sobrevivência e criação de redes para que a dança se desenvolva e se sustente.

¹ Estudante do Curso de Especialização em Estudos Contemporâneos em Dança, na Universidade Federal da Bahia. Especialista em Preparação Corporal para as Artes Cênicas pela Faculdade Angel Vianna. Bacharel em Artes Plásticas pela Universidade Federal do Espírito Santo. Fundadora e coordenadora do portal Dança no ES. Artista criadora do Projeto Isso não é Flamenco. Intérprete-criadora no Grupo Z de Teatro. E-mail: ivnaivna@gmail.com

No Estado do Espírito Santo, a situação não é diferente. Talvez seja ainda mais agravada por ser um estado que não possui formação de nível superior em dança e que, espremido no Sudeste pelas potências culturais do Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais, acaba invisibilizado no contexto nacional. No estado, festivais de dança profissional surgem e mínguam por falta de financiamento; a formação acontece, majoritariamente, em academias de dança que focam em mercado, virtuosismo, competições, comércio e exportação de bailarinos com forte base em balé clássico, por exemplo, para fora do país.

Contudo, não vamos deixar de reconhecer o papel das academias e escolas de balé, responsáveis pela formação técnica de um grande contingente de dançarinos brasileiros. São crianças, jovens e adultos com diferentes formações, interessados em aprender a dançar, praticar uma atividade física, pertencer a um grupo. E, muitas vezes, onde se descobre também o interesse em pesquisar sobre dança. (MOURA, 2016, p.1)

Os bailarinos que decidem permanecer se dividem ou entre a carreira artística e o ensino da dança, muitas vezes abandonando a primeira opção, ou entre duas profissões distintas.

Inúmeros são os desafios quando se pensa em ter a dança como profissão. Como se não bastasse ser vista como uma forma de entretenimento pela maioria da sociedade, o mais comum são os baixos salários, as deficiências na qualificação, ausência de entidade fiscalizadora para atuação na área, políticas públicas míopes, além da grande competitividade. (MOURA, 2016, p.2)

Em contrapartida, algumas entidades, organizações e iniciativas dão esperança de florescimento gradual da dança no estado. O Município de Vitória, por exemplo, mantém, há mais de vinte anos, o funcionamento da Escola Técnica Municipal de Teatro, Dança e Música, que oferece o Curso de Formação Básica em Dança Clássica para crianças e adolescentes, oficinas livres para a comunidade e o

Curso Técnico em Dança. O Museu Capixaba do Negro Veronica da Pas (MUCANE) oferece cursos livres de dança e o Curso de Qualificação Profissional em Dança Afrobrasileira Cênica, além de abrir seu espaço para ensaios e outras atividades para aqueles artistas que não possuem local de ensaio. A Secretaria de Estado da Cultura (Secult ES) oferece, há alguns anos, um edital de dança que contempla montagens, circulação e ações transversais. Além disso, a Secult ES mantém um edital de locomoção que proporciona verba para transporte de artistas do estado para realizar ações e formações em outras localidades. O Centro Cultural Sesc Glória abre editais para o Cena Local, projeto de curtas temporadas de espetáculos do estado e para o Aldeia Sesc Ilha do Mel, mostra anual que apresenta um panorama das recentes produções dos artistas do Espírito Santo. Ambos editais buscam contemplar igualmente a quantidade de selecionados de dança e teatro. Também o Sesc Glória recebe anualmente diversos espetáculos do projeto Palco Giratório, com apresentações, debates e oficinas com grupos de outros estados, possibilitando intercâmbios e trocas de informações. Grupos e artistas criam, pesquisam e promovem ações que extrapolam os conceitos de espetáculo e oficina, a fim de ampliar as possibilidades de atuação e alcance e ganhar novos públicos, com apoio financeiro de editais ou não.

Nesse contexto, e inspirado por iniciativas de registro e mapeamento da dança brasileira como, por exemplo, os atualmente pausados IDança.net e Ctrl+Alt+Dança, nasceu o portal Dança no ES². Desde 2015, um espaço virtual de registro, mapeamento e difusão da dança no estado do Espírito Santo, além de promotor de ações formativas presenciais. Com a pequena divulgação das ações de dança pelas mídias locais e a ausência de um curso superior na área, a sensação é de que nada ou quase nada acontece ou se desenvolve. Assim, a existência de um *site* que concentra e disponibiliza informações sobre o assunto cria memória, “dá corpo” e permite ver e ser visto por colegas e público, ampliando o alcance das ações e agindo também como formador de plateia. Quando elencamos as ações existentes no estado do Espírito Santo, leitores poderiam dizer que há muitas. Absolutamente. A demanda da classe artística da dança ainda é a parte que mais sofre na arte, principalmente com a leitura equivocada de seu fazer e a quase unânime associação imediata ao entretenimento. Cabe a nós, profissionais, artistas

² Link para portal Dança no ES: www.dancanoes.com.br

ou não, da dança, escrevermos essa história, com produção de conhecimento, implantação de políticas públicas, publicações, organizações sociais e criação de espaços permanentes de troca.

De acordo com a pesquisadora Lígia Tourinho, que realizou um mapeamento da produção em dança carioca, “[...] criar cartografias sobre a dança é também produzir reflexões sobre a tensão entre o processo de invisibilização das ações de Dança e os atos de resistência na produção de conteúdos, memória e reflexão.” (2017, p 1033).

Desde sua fundação até 2018, o portal mapeou cerca de 40 grupos, companhias ou artistas independentes, compilou aproximadamente 30 produções textuais, realizou e publicou uma série de cinco entrevistas realizadas pela jornalista Patrícia Galleto com importantes figuras da dança local, promoveu três rodas de conversa sobre processos de criação em dança com seis artistas convidados, abertas ao público e com matérias sobre os conteúdos das conversas publicadas no *site*, duas exposições de filmes de dança e quatro encontros do grupo de estudos Diálogos com a Dança.

No ano de 2015, foram noticiados vinte espetáculos em cartaz; destes, 6 eram estreias; no ano seguinte, 30 espetáculos dos quais 16 eram estreias; em 2017, foram publicados 19 espetáculos, entre os quais 11 eram estreias; e em 2018, o lançamento de 8 novos espetáculos dentre os 21 que foram noticiados pelo portal. Além das apresentações e estreias, outras atividades como oficinas, cursos, *jams*, performances e encontros foram divulgadas. As ações são majoritariamente na Região da Grande Vitória, região metropolitana da capital do Espírito Santo, área onde se concentram a maioria dos espaços culturais e de profissionais da dança, além de ser o local que mais recebe atividades de grupos e artistas de fora do estado.

Para um estado considerado de pequeno porte (se comparado aos demais estados brasileiros) cuja projeção é quase nula e o acesso à formação e intercâmbio é precário, onde se profissionalizam poucos bailarinos e que quase nunca é contemplado pelos já enxutos editais nacionais para a dança, os números parecem interessantes. No entanto, sabemos da necessidade de continuar criando estratégias de visibilidade.

Mesmo com a reunião de tantas informações disponíveis, percebe-se certa dificuldade de acesso ao conteúdo do portal. Utilizando como ferramenta de difusão as redes sociais como o *Facebook*³ e o *Instagram*⁴, muitos seguidores fazem uma leitura superficial das chamadas, muitas vezes não acessando o *link* que direciona para o conteúdo do *site*. Segundo Tourinho, além da crise atual da mídia que perde leitores, reduz seu tamanho e enxuga cada vez mais as páginas dedicadas a cultura,

Há também uma crise de leitores: nunca se teve tanto acesso à informação e também nunca se teve uma população tão desprovida de curiosidade. Vemos o que chega a nossa tela, dificilmente formulamos perguntas que nos levam para além das nossas *timelines* e o que chega a elas também é estimulado pelos *posts* financeiramente impulsionados (2017, p. 1032).

O portal Dança no ES nasceu de uma iniciativa individual, de maneira independente e, apesar de ter sido contemplado pelo edital da Secretaria de Estado da Cultura do ES/ Fundo de Cultura do Estado do Espírito Santo (Funcultura), que possibilitou a realização de eventos e algumas melhorias no ano de 2016, segue atualmente sem apoios financeiros, apenas com a colaboração de pessoas e entidades para a captação de informações e realização de eventos.

As ações desenvolvidas pelo portal pretendem valorizar e visibilizar a dança no estado, assim como os seus agentes. Pretendem também que tais agentes se compreendam enquanto comunidade múltipla e possam vislumbrar o trabalho em rede de colaboração, apesar de suas diferenças de atuação e pesquisa, buscando interesses em comum e construindo um ambiente propício para o florescimento da dança no estado.

Se como humanos, temos a capacidade de nos ajudar, uns aos outros, a empatia a que me refiro aqui é justamente neste sentido, de promover a identificação com outra pessoa, [...] despertando a vontade de agir com este

³ *Link* para página do portal Dança no ES na rede social *Facebook*:
<https://www.facebook.com/dancaes>

⁴ *Link* para o perfil do portal Dança no ES na rede social *Instagram*:
<https://www.instagram.com/portaldancoes/>

outro, politicamente, numa pequena multidão, múltipla e multicolorida. (MOURA, 2012, p. 8).

Desta maneira, a iniciativa do portal pretende também ser contaminadora de outros agentes e multiplicadora de outros fazeres, a fim de que se aproximem, criem redes e consigam se fortalecer enquanto coletivo(s). Além disso, que agentes de outras localidades do estado possam se inspirar nessa iniciativa e também buscar maneiras de promover visibilidade dos artistas e das produções de seu entorno, por mais que pareçam escassas e precárias.

Ação e Reflexão

O Dança no ES atua em cinco frentes: mapeamento, banco de textos, notícias, entrevistas e atividades formativas. Falarei um pouco mais de cada uma delas a seguir.

O mapeamento⁵, até hoje, levantou 41 agentes (grupos, coletivos, artistas independentes, etc.) da dança do estado do Espírito Santo. A compilação foi feita a partir da busca de *sites*, páginas em redes sociais e divulgação de ações destes artistas nos jornais ou agendas culturais dos veículos de comunicação e espaços culturais. Na página do Dança no ES é possível ver os nomes desses agentes e acessar um contato via *link* direcionado. Além disso, há um formulário *online*⁶ onde é possível que o próprio artista se inscreva ou ao seu grupo, colocando nome, ano de início de atividades, breve histórico e contato. Essas informações passam por uma triagem para serem acrescentados ao mapeamento, e há uma multiplicidade de estéticas de dança na listagem.

Dentre os agentes da Dança do Espírito Santo, elencamos alguns abaixo por sua constante atuação. São eles:

⁵ *Link* para listagem de artistas mapeados: <http://www.dancanoes.com.br/p/companhias-profissionais.html>

⁶ *Link* para formulário de mapeamento: <https://goo.gl/forms/wXvPz1ZgmcQKXf7q1>

- a Cia de Dança Mitzi Marzzuti, fundada em 1986 por Mitzi Mendonça, que dirige e assina as coreografias, algumas em parceria com artistas de outros estados como Alex Neoral, Claudia Palma e Mario Nascimento;
- a Cia de Dança Negraô, com pesquisa direcionada para as danças afrobrasileiras, fundada em 1991 por Ariane Meireles e Renato Santos que já teve como coreógrafos Gil Mendes e Magno Encarnação e hoje é dirigida por Giovana Gonzaga;
- o Balé da Ilha dirigido por Karla Ferreira, que nasceu em 1994 como uma companhia de ballet de repertório e após alguns anos de pausa retornou com linguagem contemporânea, mantendo como base corporal dos bailarinos o balé clássico;
- a Cia VSD, Vitória Street Dance, pioneira local nas danças urbanas e desde 1997 dirigida por Lalau Martins;
- o Grupo Z, também surgido em 1997 da parceria entre Carla van den Bergen e Fernando Marques, que iniciou como grupo de teatro de rua e hoje pesquisa a transversalidade entre dança e teatro;
- a Homem Cia de Dança, fundada por Gil Mendes em 1999 e hoje dirigida por Elídio Netto, que também convida artistas como Augusto Soledade e Jorge Silva para colaborarem como coreógrafos;
- a Enki Cia de Dança Primitiva, nascida em 2000 e dirigida por Paulo Fernandes, ex-integrante da extinta Cia Neo Iaô;
- também de 2000, a Cia K, anteriormente chamada Cia Kerigma, surgiu como um grupo de dança de igreja e hoje segue pesquisando novos assuntos pelo viés da dança contemporânea;
- a Cia InPares, de 2004, dirigida e coreografada por Gil Mendes;
- a Cia de Dança Andora Ufes, grupo para-folclórico nascido em 2008 e coordenado por Antonio Carlos Moraes, fruto de projeto de ensino, pesquisa e extensão do curso de Educação Física da Universidade Federal do Espírito Santo;

- também surgido em 2008, o Grupo Raízes da Piedade tem como missão aprimorar e divulgar o samba capixaba, realizando o Seminário do Samba e escolas de formação de passistas, porta-bandeiras e mestres-salas.

Dos grupos criados na última década, se destacam:

- a Cia Urucum, nascida em 2009, que tem como diretora e intérprete a artista Déia Carpanedo;
- também em 2009 surge a UDES – União dos Dançarinos do Espírito Santo, reunião de artistas das danças urbanas a fim de profissionalizarem e difundirem práticas de sua área;
- a Cia EluzArtes, de Eluza Santos, que desde 2010 trabalha com bailarinas profissionais acima dos 50 anos de idade;
- o grupo nascido em 2012, Underground Funkers, promove ações formativas com relação às danças urbanas;
- os coletivos Emaranhado e Corpus Kardia, surgidos respectivamente em 2013 e 2014 são frutos de ex-alunos do Curso Técnico em Dança da Escola Municipal FAFI e têm o interesse em cruzamentos de outras linguagens com a dança;
- a Cia Soul Jazz, nascida em 2015 e com direção de Carol Mattedi, tem como foco a pesquisa do *jazz dance*;
- também de 2015, a Cia Reverence tem direção de Karla Pargamnamí e coreografia de Gabriela Moriondo e é oriunda do trabalho com jovens bailarinos que atuam no Studio que leva o mesmo nome;
- e, finalmente, os Grupos Marés e Corpocêntrica, de 2017 e 2018 respectivamente, formados por jovens mulheres que se interessam pela transversalidade de áreas de conhecimento de um ponto de vista feminista e buscam um acesso mais amplo à dança, levando apresentações e oficinas para a rua e outros espaços inesperados.

A sessão Notícias traz informações atualizadas das atividades de dança e áreas afins que ocorrem no estado. Temporadas e estreias de espetáculos, oficinas, eventos, editais, oportunidades, lançamentos e outras informações que podem ser de interesse do público do portal, desde que ocorridas no território do estado ou que contemplem projeção de grupos locais para fora. O recorte de seleção abrange atividades profissionais ou de profissionalização ligadas à formação, fruição, difusão, reflexão e aprimoramento.

As duas frentes, Mapeamento e Notícias, possibilitam a contemplação de um panorama da produção local, percebendo quem são os agentes, qual a frequência das ações, onde estão concentradas as atividades, quais são os perfis de produções e formações que vêm de fora. Possibilita também que se vislumbre quais caminhos têm sido escolhidos pelos profissionais para sua própria subsistência, assim como quais são seus interesses de pesquisa enquanto artistas. Propõe, ainda, “uma política do encontro. Uma política que emerge na relação de pontos de vistas que apesar de distintos coexistem na criação do comum” (ROCHA e MOURA, 2017, p. 1073).

É necessário atentar ao que é mapeado e divulgado como notícia. Se o espaço pretende-se, enquanto revelador da multiplicidade dessa comunidade, ser provocador de encontros e valorizador da pesquisa e engajamento profissional, nem tudo o que chega convém à proposta do portal, como, por exemplo: espetáculos de academias de dança, ações puramente comerciais e autopromoções sem propósito. Assim como é necessário ter um olhar aberto, ético e crítico para propostas que não se limitam apenas a determinadas estéticas de danças hegemônicas e formalizações de apresentações e oficinas, ampliando os interesses, também às propostas acadêmicas, transversais, à performance, às danças populares e afins e visibilizando proposições para além do senso comum sobre dança.

No Banco de Textos⁷, é possível encontrar diversas publicações sobre a dança, produzidas no estado. Entre artigos, resenhas, revistas, livros, monografias e matérias, até hoje, novembro de 2018, foram compiladas 32 publicações de diversos autores que discorrem sobre espetáculos específicos, festivais e fóruns de dança, história da dança local, relatos de experiência e outros.

⁷ Link para o Banco de Textos do portal Dança no ES: <http://www.dancanoes.com.br/p/banco-de-textos.html>

O Banco de Textos é importante para pesquisadores que se interessam por conhecer e saber o que já foi escrito e pesquisado sobre a dança local, reunindo materiais difíceis de serem encontrados. Algumas produções foram retiradas de *sites* e outras foram solicitadas diretamente aos autores para que compartilhassem seus escritos e pesquisas de maneira mais ampla. Os textos acadêmicos, em sua maioria, foram escritos por bailarinos, coreógrafos e professores de dança que, devido à falta de um curso superior em dança no estado, desenvolveram suas pesquisas a partir de outra área de conhecimento, como a educação física, artes visuais e jornalismo.

A multidisciplinaridade no estudo da dança é maior do que se pode pensar. Vai dos direitos humanos à medicina, das ciências cognitivas à filosofia, até a política. [...] os caminhos para atuação na área são muitos. Como linguagem artística, a dança inserida na cultura é contaminada por outras tantas linguagens. Assim como, felizmente, vejo acontecer no âmbito acadêmico (MOURA, 2016, p.2)

A partir da citação acima, continuo a refletir que talvez sejam por essas contaminações entre áreas que pesquisas acadêmicas em dança no estado, apesar da ausência de uma graduação, continuam a persistir e a existir. A recente oferta de uma Especialização Lato Sensu em Ensino da Dança, ofertada pelo Centro de Educação Física da Universidade Federal do Espírito Santo e de outra, em Dança e Consciência Corporal, ofertada pela Faculdade Estácio, prometem a ampliação dessa produção e o aprimoramento dos profissionais locais.

Das publicações do Banco de Textos, destaco a monografia de Angélica Maria Pereira Gabriel, o artigo de Karla Maria Santos Rodrigues e a dissertação de Eluza Maria Santos que discorrem sobre a história da dança contemporânea capixaba; o artigo de Sarita Faustino que conta a história da Cia de dança Negraô, as revistas do primeiro e do segundo Festival ES de Dança, iniciativa da Secretaria Estadual de Cultura cuja última edição foi realizada em 2014, que trazem diversos textos sobre os espetáculos apresentados em cada edição e os textos do mapeamento do programa Rumos Itaú relativos à dança do Espírito Santo.

As entrevistas⁸, outra frente do Dança no ES, foram feitas em parceria com a jornalista e atriz Patrícia Galleto, dentro do projeto apoiado pela Secretaria Estadual de Cultura. Foram entrevistados cinco artistas com longa trajetória, que são referência na dança do estado. Foram eles Elídio Netto, diretor da Homem Cia de Dança; Marcelo Ferreira, diretor da Cia de Teatro Urgente e ex-integrante das Cias Neo-iaô e Magno Godoy; Lalau Martins, diretora da Cia Vitória Street Dance e coreógrafa de escolas de samba capixabas; Mitzi Mendonça, diretora da Cia de Dança Mitzi Marzzuti; e Lenira Borges, pioneira no ensino do balé clássico no estado.

As entrevistas difundem informações sobre a história da dança do Espírito Santo ao registrar e disponibilizar relatos de figuras vivas e importantes no desenvolvimento local, tanto por suas pesquisas como por suas atuações, criando memória dos percursos já percorridos pelas gerações anteriores. O registro está disponível no *site* e há planos para a realização de novas entrevistas de outras figuras da dança que ainda não foram contempladas.

A quinta frente do portal, as Ações Formativas, se subdivide em diversas atividades que são realizadas pontualmente com o intuito de promover encontros onde se pode ver, escutar, dialogar e refletir sobre dança.

A primeira ação realizada foi o Dança na Roda⁹, rodas de conversas sobre processos de criação, também dentro do projeto apoiado pela Secult e com apoio do Teatro Carlos Gomes. Em três encontros, com dois artistas convidados em cada, o público pôde escutar e fazer perguntas aos convidados sobre seus caminhos de criação em suas pesquisas e projetos.

Os pares relacionados foram Gil Mendes, diretor e coreógrafo da InPares Cia de Dança, ao lado de Patrícia Miranda, coreógrafa do Balé da Ilha; Giovana Gonzaga, diretora e coreógrafa da Cia Negraô, em diálogo com a artista fundadora da UDES – União dos Dançarinos do Espírito Santo, Yuriê Perazzini; e Carla van den Bergen, diretora e coreógrafa do Grupo Z junto a Rubiane Maia, artista performer.

⁸ *Link* para as entrevistas realizadas por Patrícia Galleto aos artistas Elídio Netto, Lalau Martins, Mitzi Mendonça, Marcelo Ferreira e Lenira Borges: <http://www.dancanoes.com.br/p/entrevistas.html>

⁹ *Link* para as matérias sobre as rodas de conversa sobre processos de criação em dança, Dança na Roda: <http://www.dancanoes.com.br/p/danca-na-roda.html>

Ao colocar lado a lado dois artistas com experiências diversas de criação, é possível traçar aproximações e divergências entre processos, colaborando para a compreensão da pluralidade de caminhos e modos de fazer existentes e abrindo novos pensamentos aos artistas e público.

Os eventos foram de interessante troca entre as experiências dos artistas participantes e com o público, que pôde se inteirar das múltiplas maneiras de criar de artistas de áreas diversas da dança. Os encontros foram registrados e resumidos em formato de matéria pela jornalista Patrícia Galletto e estão disponibilizados para leitura no portal.

A segunda ação foi realizada em parceria com a Mostra OFF, mostra independente, paralela ao Festival Nacional de Teatro da Cidade de Vitória, organizada pela Casa da Má Companhia (sede dos Grupos Z e Repertório Artes Cênicas e Cia), em dois anos sequenciais. Nessas ocasiões, foram exibidos os filmes de dança *Bodas de Sangue*, de Carlos Saura, *The Cost of Living* do DV8 *Dance Theater* e *Blush* de Win Wanderkeybus e Cia Última Vez. Após as exposições, foram realizadas conversas sobre as produções, possibilitando, além do acesso às obras, a reflexão.

A mais recente ação foi o grupo de estudos Diálogos com a Dança¹⁰, realizado em parceria com a bailarina Flávia Dalla Bernardina e com apoio do Palácio da Cultura Sonia Cabral, que em quatro encontros levantou temas para dialogar a partir de conceitos e de leituras de textos acadêmicos. Cada encontro foi mediado por um artista-pesquisador, sendo o encontro “O que é dança Contemporânea?” mediado pela autora desse artigo; “Dança e Autoria”, por Flávia Dalla Bernardina; “Dança para a Tela”, pelo artista multimídia André Arçari; e “Corpo e Espaço”, pela arquiteta Clara Pignaton.

“O que é Dança Contemporânea?” propôs levantar questões em lugar de dar respostas sobre o que poderia ser classificado como dança contemporânea. As leituras e debates levaram a questionamentos sobre tal nomeação e sobre a formatação de um modo de operação tão diverso que acaba caindo no

¹⁰ Link para a divulgação do grupo de estudos Diálogos com a Dança:
<http://www.dancanoes.com.br/p/dialogos-com-danca.html>

enquadramento por questões de mercado impostas por editais, academias e competições de dança.

“Dança e Autoria” levantou a questão sobre onde está o autor na dança contemporânea, entre quem propõe o movimento, quem o executa e quem o vê, apoiado em leituras de Giorgio Agambem e Marcel Duchamp.

“Dança para a Tela” abordou o uso da linguagem multimídia enquanto possibilidade de construção em dança e o diálogo dos aparatos técnicos e do ambiente virtual com o corpo.

“Corpo e Espaço” levantou a reflexão sobre a coimplicação desses dois elementos e seus processos de configuração atrelados ao conceito de corpocidade.

O Diálogos com a Dança atraiu um público diverso, interessado em discutir e se aprofundar em questões conceituais. Estiveram presentes coreógrafos, bailarinos, educadores físicos, profissionais da educação, atores, artistas plásticos, pesquisadores e curiosos de outras áreas. Além das questões levantadas pelos mediadores, foi nítida a necessidade da comunidade de se encontrar, o desejo de estreitar laços e, para além dos conteúdos propostos, de debater sobre questões práticas da profissão e do contexto capixaba da cultura e da dança.

As realizações destas ações vão construindo aos poucos um panorama que se revela, entre identidades e desejos de uma comunidade ativa e com interesse em se desenvolver. A cada ação, publicação e informação agregadas, novos contornos aparecem e criam possibilidades para futuras ações que possam colaborar com o avanço da dança no Espírito Santo.

É necessário e importante que os profissionais da dança se reconheçam enquanto comunidade para que tomem consciência de suas singularidades e possam prosseguir com suas pesquisas de maneira determinada e firme. A artista e pesquisadora Ivana Menna Barreto, ao citar os teóricos Vino e Simodon para elucidar a questão sobre como a singularidade é construída no coletivo, afirma que:

A interação com outros participantes cria percepções novas, provocada pela proximidade com os muitos. [...] Assim, o que é possível desenvolver numa atuação conjunta contém potencialmente os traços das singularidades (2012, p. 3).

Desafios e reinvenção

As ações do portal Dança no ES, neste curto percurso de três anos de existência, parecem atingir positivamente aqueles que pesquisam, produzem e apreciam a dança no estado. Muitos são os relatos de que o espaço é necessário para convergir informações sobre o assunto, que o *site* é uma referência de informações sobre a agenda de dança do estado e que os eventos realizados são estimulantes. A procura de artistas pelo portal, para a divulgação de notícias, é crescente assim como a descoberta de novas ações, textos e eventos. Há sempre que reinventar-se a partir do panorama que é traçado por cada nova informação acessada e publicada.

Da mesma maneira que é um desafio manter-se no estado do Espírito Santo como artista e persistir na dança como uma profissão, manter o portal também o é. A falta de tempo e de verba dificulta uma manutenção atenta e criativa do *site*. Porém, o desejo de proliferar ações como estas e de contaminar outros agentes é uma realidade que colabora com a constante atualização do portal.

Atualmente, temos como colocar a “mão na massa” de muitas formas. Assumindo cargos públicos, dançando, estudando, pesquisando, criando, ensinando, escrevendo, publicando, ou simplesmente, atuando. Praticar a inseparabilidade entre teoria e prática em questões relacionadas ao corpo ou construção de corporalidades. É preciso agir politicamente a favor da profissionalização e do reconhecimento da dança como campo do saber. Para isso, não há como não medir esforços. É muita dedicação de tempo, investimento financeiro e atualização permanente. (MOURA, 2016, p. 3)

As trocas e registros possibilitados pelo *site* colaboram com a construção de redes entre agentes, seja para participarem das atividades uns dos outros, para saberem o que está sendo produzido, para se aproximarem e trocarem informações.

Resistir hoje seria, antes de tudo, rejeitar as instâncias que esvaziaram o sentido do comum, expropriando-o. A tarefa de repensar a comunidade estaria na criação e inventividade dos possíveis encontros entre singularidades. Tal resistência reflete-se na arte, em seus modos de organização e produção, na recusa em participar de grupos ou movimentos que acenam apenas como simulação de um pertencimento (BARRETO, 2012, p. 10).

Para Barreto, a comunidade estaria construída no “entre”.

Entre as conexões na rede, entre os encontros e parcerias, em que são estabelecidas formas de produção, existem pontos de fuga, espaço para singularidades e separações, constantemente modificadas pela convivência num comum temporário (2012, p. 10-11).

A construção e manutenção do portal é também uma criação em rede, visto que este se alimenta da colaboração de outros agentes produtores de conhecimento que fornecem as informações ali contidas.

Outro desafio é como as informações aglutinadas pelo portal podem influenciar na criação de políticas públicas que contemplem os anseios da comunidade. Creio que para isso será necessário mais tempo, novas ações, redes e reflexões.

Para concluir este artigo, retorno à ideia de que a dança é muito apreciada, porém pouco valorizada no Brasil. Ações como as do portal Dança no ES, que se esforçam para colaborar com a criação de redes, memória e reflexão são de extrema importância, a fim de ampliar a visibilidade da dança e de seus autores. Olhar para a própria produção e história, se reconhecer e se diferenciar fazem parte do processo de evolução para que a cada dia a dança ganhe mais respeito e espaço no país.

Referências:

BARRETO, Ivana Menna. **Criar possíveis: entre o um e os muitos.** Anais do II Congresso Nacional de Pesquisadores em Dança. São Paulo: ANDA Comitê Dança e(m) Política, 2012.

MOURA, Gilsamara. **Possíveis modo de articulação entre teoria e prática: a Dança dentro e fora da universidade.** In: Contextos múltiplos na dança. Salvador: UFBA, 2016.

MOURA, Gilsamara. **Dança e política como plataforma de pesquisa quiasmas sociais e respostas empáticas.** Anais do II Congresso Nacional de Pesquisadores em Dança. São Paulo: ANDA Comitê Dança e(m) Política, 2012.

ROCHA, Lucas Valentim; MOURA, Gilsamara. **Dança e colaboração: sobre prazeres e dificuldades das políticas do encontro.** Anais do V Encontro Científico Nacional de Pesquisadores em Dança. Natal: ANDA, 2017. p. 1061-1075.

TOURINHO, Lígia Losada. **Cartografias da dança carioca: reflexões sobre o processo de inviabilização das mídias de grande alcance e as ações de resistência de geração de conteúdo, memória e reflexão.** Anais do V Encontro Científico Nacional de Pesquisadores em Dança. Natal: ANDA, 2017. p. 1024-1035.